

¡FUE EL ESTADO! O CASO AYOTZINAPA COMO SÍMBOLO DA LUTA ENTRE JOVENS E O ESTADO SISTÊMICO NA AMÉRICA LATINA.

Por Larissa Mehl¹

RESUMO

Desde o conflito, morte e desaparecimento forçado dos estudantes de Ayotzinapa, no dia 26 de Setembro de 2014, uma onda grande de indignação que responsabiliza o Estado mexicano pelo ato, vêm ganhando grandes proporções a nível internacional, questionando o papel do Estado em tempos de neoliberalismo. Esse artigo busca por meio de conexões entre o “Juvenicidio” (homicídio de jovens), dimensionar a luta pela sobrevivência dos estudantes, em um mundo, e principalmente, uma América Latina onde são considerados massa excedente.

Palavras- Chaves: Ayotzinapa, América Latina, Neoliberalismo, Estado, Opressão.

INTRODUÇÃO

Os últimos anos tem sido de muita agitação estudantil na América Latina. São exemplos: as mobilizações dos estudantes chilenos em prol da educação gratuita (2011-2013)², o lema “UNA no te calles”³ na Universidade de Assunção no Paraguai – pedindo mais investimento na educação e fim de regalias no mundo acadêmico (2015), o movimento #Yosoy132⁴ no México – focando na autonomia e respeito aos estudantes, e a recente ocupação das escolas do Brasil por estudantes⁵, preocupados com a diminuição de verbas para a educação e reformas ameaçadoras no sistema escolar.

Ao se posicionarem e agirem em prol de melhorias na educação, os jovens são ameaçados, julgados e violentados por forças policiais - que fazem parte do Estado - com o objetivo de contê-los. Mas porque os jovens lutam? E porque precisam ser contidos? Esse artigo pretende relacionar a existência e a luta do jovem estudante contra a repressão, violência e preconceito dos aparatos estatais, delineando alguns aspectos da configuração atual do neoliberalismo – que, contesta a função dos governos e reflete a fragilidade dos estudantes, tanto economicamente como socialmente, principalmente na

¹ Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA e criadora do Projeto LatinoAmérica Desde Adentro (www.ladesdeadentro.com).

² Cf. CÁCERES, **DX Paraguay**.

³ Ibid

⁴ Cf.ROBLEDO, **El País**.

⁵ Cf.PITA, Marina.. **Carta Capital**.

América Latina. Para tal tarefa, se analisará o caso mexicano de Ayotzinapa - ataque de violência exagerada, onde policiais mataram pessoas, além de terem desaparecido com 43 estudantes. Os dados que serão usados para explicar este ocorrido serão os dos boletins do GIEI – *Grupo Interdisciplinar de Expertos Independientes* (Grupo Interdisciplinar de Especialistas Independentes), pois suas investigações estão mais respaldadas do que a do Estado Mexicano, envolvido nos atos em si.

Porque os jovens lutam? Aparentemente, as reivindicações existem por melhores condições para a educação, ou seja, para que possam ser educados de maneira digna e saudável. Porém, desde um olhar mais profundo, pode-se entender a razão das lutas atuais como sobrevivência. Para entender tal contexto, é necessário posicionar as sociedades atuais dentro do neoliberalismo: sistema econômico e simbólico que acentua as desigualdades e aumenta a taxa de desemprego, principalmente de jovens, criando uma massa excedente. Uma estrutura que tira a responsabilidade do Estado nas áreas básicas, desde saúde, segurança, higiene e educação. Pode ser expresso como:

“Um poder de ocupação e que sua força principal radica na transformação da sociedade “desenvolvimentista” numa sociedade com bulímia que engole aos seus jovens e logo os vomita: em fossas de traficantes, na forma de corpos executados e torturados; na forma de corpos que ingressam às máquinas como dispositivos ao serviço da máquina; como migrantes; como sicários, “falcões”, “mulas”, ao serviço do crime organizado; como soldados sacrificáveis nas escalas mais baixas das categorias militares (...) A enumeração das formas em que a “catástrofe” da ideia de vida e a vida por si mesma que vivem milhões de jovens precarizados no mundo, na América Latina, México, escapa ao poder de síntese e à capacidade de indignação.”⁶

A massa jovem excedente, que tem condições precárias de estudo e de vida, ou que nem estuda e nem trabalha (conhecida pela geração dos Nem/Nem), se torna supérflua ou residual para os poderes dominantes, sendo brutalmente ignorada (Arce, 2015); tornando assim a população jovem à vulnerabilidade. Esta categorização pode ainda ser aprofundada por razões étnicas (racismo), sexistas (machismo) e desigualdades sociais (classicismo). Desde uma perspectiva latino-americana, onde as sociedades se caracterizam por brutal desigualdade e violência, que se criou o conceito de Juvenicídio, que segundo Arce, seria:

“Assassinar a setores ou grupos específicos da população jovem (onde) implica colocar essas mortes em cenários sociais mais amplos, que incluem processos de precarização econômica e social, a estimação e construção de

⁶ARCE, p. 12, tradução nossa.

grupos, setores ou identidades juvenis desacreditadas, a banalização do mal (...) junto ao descrédito das instituições e as figuras da honradez”⁷.

Portanto sendo uma época mundial em que todos os jovens parecem se levantar as ameaças perante a educação, tal ação é ainda mais pertinente aos jovens de família pobre; indígena, mestiça ou negra – a massa excedente que muitas vezes, já tem informação suficiente para não querer ser excedente. E assim, segue a uma confrontação entre poder estatal e poder juvenil, representado pelas escolas, universidades, grupos culturais e artísticos e professores.

Se tal processo é comum em toda a região latino-americana, existem lugares onde essa confrontação é mais aparente, como é o caso do México. Desde o movimento estudantil de 1968, segundo Rogelio Marcial houve diversas ondas de condenação juvenil, instituídas pelos aparatos de poder. Primeira, a de que o jovem “é um criminal em potência, que em qualquer momento prejudicará a paz pública e a harmonia social”⁸ – tal visão foi instaurada durante um período de crise de governabilidade (1985-1996) e durante a chegada da extrema direita ao poder (2000-2012). Segunda, a “criminalização da pobreza, a qual desde a crise econômica dos anos 80 (...) construiu outro olhar de alerta ao pobre, o que carece do mais elementar, porque pode arriscar tudo”.⁹ Essa onda veio juntamente com a caracterização da pobreza por meios raciais, depreciando e suspeitando de indígenas e mestiços, gerando grande preconceito e estigma. A última onda tem haver com relacionar a dissidência social ao crime, desde as possibilidades de se reunir e se expressar (Marcial, 2013). “Tais delitos no México são graves e muitas vezes os que participam em marchas são culpados (com processos judiciais cheios de armadilha e irregularidades)”¹⁰

As Escolas Normais Rurais, de onde vieram os estudantes de Ayotzinapa, surgiram em 1910 com o objetivo de formar professores capazes de educar camponeses para que integrassem política, cultura e economia, dentro da Reforma Agrária instituída pela Revolução Mexicana (Cerecedo, 2015). Nos seus períodos de auge, chegaram a ser 36 escolas que vinculavam o ensino agrícola com especificações regionais, atingindo diversos jovens que não teriam outra maneira de serem educados. Delas saíram importantes líderes sindicais e professores destinados a educar áreas rurais cheias de

⁷ ARCE, p. 12, tradução nossa.

⁸ MAYORGA, Claudia.. **Desidades UFRJ**, tradução nossa.

⁹ Ibid

¹⁰ Ibid

analfabetismo. Em 1941, foi quando começou seu declínio devido à instauração de um plano único de escolas normais, que desestruturou os salários e atrativos de uma escola agrícola. Os níveis de dificuldade só aumentaram, pois as normais rurais passaram de responsabilidade federal - o que as possibilitava de se unirem para demandar melhores condições, para responsabilidade estatal desde 1993, isolando-as na luta por melhores condições. Assim, com o tempo diminuíram - “o número de professores de tempo completo, que resultam fundamentais no regime de internato”¹¹, e também a quantidade de matrículas disponíveis, levando às escolas a falta de insumos básicos para sua sobrevivência, condenando muitas as ruínas e outras a resistência.

Tal falta de recursos é o que faz os estudantes encontrem maneiras alternativas para seguirem suas atividades acadêmicas, sociais e políticas, que foram tomadas, por exemplo, na noite de 26 de Setembro de 2014.

ANTECEDENTES E CONTEXTO DO MASSACRE DE AYOTZINAPA

A Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa é uma das 17 escolas normais que seguem existindo no México. A escola contém 500 estudantes e a cada ano recebe mais 140¹². Como já foi elencado, este tipo de instituição forma líderes sociais, geralmente pobres e do campo. Indígenas, pobres e camponeses, seriam a massa excedente, se não tivessem a formação que recebem. Sendo a escola localizada em Tixtla, cidade do estado de Guerrero e região propícia para a plantação de maconha e amapola (que produz heroína); existem historicamente conflitos entre estudantes de Ayotzinapa - ansioso por suas demandas estudantis, e o governo - envolvido de diversas maneiras com o tráfico de drogas. Temos como exemplos de confrontação¹³: 2011- um bloqueio de estrada por demandas acadêmicas que resultaram em 2 mortos, 3 feridos e 41 presos. 2013- 2 ataques durante o dia 11 e 12 de novembro, onde estudantes apanharam da polícia estatal e foram dispersos com o uso de gás lacrimogêneo, para serem impedidos de tomar ônibus privados para uso escolar. 2014- Oito meses antes do massacre, 2 estudantes foram atropelados e mortos, ao tentarem sequestrar ônibus. Já que a verba é curta, um dos meios principais para conseguirem os jovens manterem suas atividades escolares e sociais, é o ato de “botear”¹⁴, que ocorre quando estudantes

¹¹ CERECEDO, Alicia Civera. **Nexo**. Tradução nossa.

¹²GIED). **INFORME Ayotzinapa I**. Mexico, 2015, tradução nossa, p. 15

¹³ Ibid, p. 16

¹⁴ Ibid, p.19

sequestram ônibus de empresas privadas para usar em atividades escolares, sendo posteriormente devolvidos. Essa prática é bem comum na região, tanto que os motoristas dos ônibus tem orientação de como proceder em dita situação.¹⁵

A partir desse emaranhado de situações violentas, a operação de violência massiva de 26 de Setembro de 2014, teve seu espaço na cidade de Iguala - México, onde foram os alunos com o objetivo de “botear”. Essa ação era precisamente necessária naquele dia, pois se esperava receber em Ayotzinapa, estudantes das outras escolas normalistas rurais – para viajarem juntos à Cidade do México e participarem da passeata de memória de Tlatelolco – outro massacre estudantil que aconteceu em 1968¹⁶. Iguala fica a 256 km de Tixtla, então: porque foram tão longe? Os estudantes haviam tentado mais cedo, no dia do massacre, conseguir ônibus em outros dois lugares porém não estavam passando muitos veículos naquele dia. Quando conseguiram o primeiro veículo, em Huitzucó, o motorista do ônibus disse era necessário ir até a rodoviária de Iguala, deixar os passageiros para poder ir com eles. Concordando, subiram ao redor de cinco estudantes no ônibus. Mais tarde, esses jovens ficaram presos no veículo, quando, portanto, os outros estudantes de Ayotzinapa resolveram entrar na cidade, para liberar esses colegas. Assim foram todos os estudantes até a rodoviária de Iguala. Ao chegarem lá, seus companheiros já estavam livres. Decidiram assim, pegar (“botear”) mais três ônibus e tendo feito-o, saíram da rodoviária, tomando diferentes direções para voltar à escola rural. Alguns minutos depois, começaram a ser perseguidos pela polícia. Grande parte dessas informações foram retiradas de chamadas telefônicas do grupo C-4¹⁷: estrutura de coordenação e comunicação em que estão presentes a polícia estatal, municipal, federal e o exército. Ou seja, desde antes do ataque essas forças já estavam a par, observando os estudantes.

Uma das razões chave para entender esse caso e porque haviam tantas forças do Estado em Iguala, é que nesse dia, a mulher do prefeito, María de los Ángeles Piñeda Abarca, apresentava um informativo para o DIF (sigla que significa Desenvolvimento Integral da Família). María Abarca e seu marido tem ligação direta com o grupo de

¹⁵ Ibid

¹⁶ Cf. ALTAMAN, Max. **Ópera Mundi**.

¹⁷GIEI). **INFORME Ayotzinapa I**. Tradução nossa, p. 316.

narcotraficantes da região, chamado “*Guerreros Unidos*”, que supostamente também tiveram parte nesse massacre.

MASSACRE E DESAPARECIMENTO FORÇADO

A partir da saída dos cinco ônibus da Rodoviária (três por um lado e dois por caminhos diferentes), começa uma trama complexa de diversos ataques. Para explicar os ataques de maneira geral, vamos exemplificar as confrontações principais. A comitiva de três ônibus foi perseguida, disparada e fechada por viaturas, obrigando-as a parar. Mesmo parados, a polícia continuou disparando, o que faz chegar à conclusão que a intenção era matar os estudantes. Dessa primeira confrontação, o estudante Aldo Gutierrez recebeu uma bala na cabeça, o normalista J foi ferido na mão sofrendo várias amputações – ambos foram levados ao hospital¹⁸. De uma segunda confrontação, mais um jovem foi ferido no braço e encaminhado ao hospital, enquanto todos os outros estudantes do último ônibus dos três foram colocados em patrulhas policiais e desaparecidos (GIEI, 2015). Tendo feito esse ataque, os policiais municipais ameaçaram os estudantes, e prometeram voltar se eles não se dispersassem.

Atestou o crime a Polícia Federal, que observou os feitos, mas não atendeu ou protegeu os normalistas¹⁹. A partir da saída dos policiais, começaram os jovens a marcar as evidências e chamar seus contatos para fazer uma conferência de imprensa. Enquanto esta caravana de três ônibus passava por estes incidentes, um dos ônibus que saiu por outro caminho, foi interceptado por duas patrulhas, depois de receber alguns tiros, frente ao Palácio de Justiça de Iguala. Quando obrigado a parar, esse ônibus teve seus vidros quebrados por policiais, obrigando os estudantes a saírem do veículo. Na saída, os policiais já agiram com violência com alguns jovens e o motorista. Todos os estudantes desse ônibus foram levados e desaparecidos, ficando apenas o chofer, os policiais envolvidos e um militar do exército para relatar os fatos²⁰. Por contato telefônico de algum jovem desse ônibus, os integrantes do último veículo - que também escapavam da perseguição de policiais - mudou de caminho para ajuda-los. Já perto do local, o veículo foi interceptado pela polícia federal e seus tripulantes tiveram que fugir, subindo um morro, onde foram perseguidos por horas.

¹⁸Ibid, p. 55

¹⁹Ibid, p. 61

²⁰Ibid

Nesse interim, os estudantes da comitiva de três ônibus estavam reunindo evidências do massacre e preparando uma conferência de imprensa, quando as 00h45min sofreram mais um ataque, que matou dois estudantes e ocasionou vários feridos. Foi neste ataque que o estudante Júlio Cesar Mondragón foi capturado, morto e aparecido horas depois, sem um olho e com a pele do rosto arrancada - mostrando graves sinais de tortura²¹. Ainda nessa trama de perseguir estudantes por toda Iguala, policiais atacaram o ônibus do time de futebol Los Avispones, matando um jogador e um motorista, além de uma senhora que passava de taxi na região. Ao total foram aproximadamente 3 horas de ataque (mais duas de vigilância prévia), sem contar as perseguições. Foram consideradas como vítimas diretas de violações de direitos humanos 180 pessoas, mortas extrajudicialmente 6, mais de 40 feridos (sendo que um ainda está em coma) e 43 estudantes desaparecidos (GIEI, 2015).

PÓS-MASSACRE E A REAÇÃO DAS AUTORIDADES DE ESTADO

As detenções começaram entre as 12 e as 2 da madrugada do dia 27 de Setembro dentro da polícia municipal e estadual e as ações de busca dos desaparecidos, apenas as três da manhã. Sobre a última ação, logo apareceram os rumores que os estudantes desaparecidos haviam sido entregados para os narcotraficantes de “*Guerreros Unidos*”.

A partir desse momento, começou uma confusa investigação do acontecido em Ayotzinapa, inicialmente pela Procuradoria Geral de Justiça do Estado de Guerrero e posteriormente pela Procuradoria Geral da República. Confusa porque contém diversas irregularidades desde descuidos no seguimento de protocolos de como proteger uma cena de crime; não coletando marcas digitais e cabelos nos ônibus até um mês depois do ocorrido, por exemplo.²² Também, por se tratar de um ataque complexo, o Estado não conduziu uma investigação com todas suas possibilidades, deixando de lado evidências como: filmagem em câmeras, ocultamento de declaração de testemunhas importantes, omitindo informação (GIEI, 2015). Neste contexto, familiares dos desaparecidos e seus colegas da Escola Normal - desde o dia posterior ao massacre, começaram a trabalhar em conjunto, para reunir provas e buscar os estudantes. A partir desse momento, começam os conflitos entre o Estado Mexicano e a sociedade civil que busca respostas.

²¹Ibid, p. 123

²² Ibid, p. 165

Assim, desde os reclamos da comunidade à CIDH – Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 12 de Novembro de 2014, foi assinado um convênio estabelecendo um GIEI – *Grupo Interdisciplinar de Expertos Independientes* (Grupo Interdisciplinar de Especialistas Independentes), formado por profissionais de diferentes países que poderiam brindar uma assistência mais neutra, desde a CIDH e OEA.

O que fica claro nas investigações da GIEI é que o ataque aos estudantes de Ayotzinapa foi uma operação altamente organizada, já que envolveram vários escalões da polícia, exército, inteligência etc. Portanto, é possível dizer que houve negligência também na punição dos envolvidos, já que em primeira instância, decidiram apenas culpar os baixos escalões (polícia municipal), além dos supostos traficantes envolvidos. Uma mostra de como se traduz essa lógica é que logo foram presos 04 integrantes dos “*Guerreiros Unidos*”. Todos atestaram versões muito incompletas e às vezes contraditórias, confessando a matança dos desaparecidos, mas em nenhum momento revelando quem deu as ordens de sequestrar e matar os estudantes. Mesmo assim, com a pressão da sociedade, também foram encontrados e presos, o casal diretamente responsável pelo ataque, o prefeito Abarca e sua esposa. Também há provas de tortura de testemunhas e acusados, já presos²³. Esses fatos demonstram a tentativa de forjar versões não existentes.

Em um ataque de uma magnitude tão grande, obviamente, que o processo de fazer justiça e encontrar os estudantes, seria também complexo. Porém devido as irregularidades dos próprios investigadores, o forjar de uma “verdade histórica” (a incineração dos corpos no lixeiro de Cocula)- que foi depois de alguns meses provada ser falsa, o caso enfrenta grandes dificuldades e ainda não conseguiu trazer respostas suficientes para as famílias e a sociedade civil em geral. Além disso, as mães de família “narraram as pressões que fazia o governo (...) para que declarassem em contra da normal, e os oferecimentos de dinheiro para que já não seguissem com o caso” (Reynoso, Alonso, 2015, p. 58) O discurso do Estado em todo momento parece ser: “O morto é o responsável de sua própria morte”. (Rea, 2015).

“AYOTZINAPA SOMOS TODOS”- A COMOÇÃO, E SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL VERSUS A INDIFERENÇA DE UM “JUVENICÍDIO”.

²³ Cf. GIEI. **INFORME Ayotzinapa II**. p. 363, tradução nossa.

A partir do incidente em Ayotzinapa, começou-se um debate sobre duas visões sobre o crime, uma que criminaliza as vítimas, desde supostas justificativas de porque foram atacadas, e outra que condena o ato - reconhecendo a culpa do Estado Mexicano e questionando sua função. Aqui cabe analisar as duas, dentro do contexto atual do movimento neoliberal e das redes virtuais.

Desde aquela noite assombrosa do Massacre de Ayotzinapa, houve uma grande mobilização de eventos, passeatas e denúncias virtuais ao ocorrido - pela sociedade civil de diversos estados mexicanos e lugares do mundo. Podemos dividi-las em duas categorias: as de ação coercitiva e as de reflexão sobre o ato. Ambas exigiam a entrega dos estudantes com vida. As primeiras foram feitas em grande parte pelos familiares, professores e outros estudantes de Ayotzinapa, e consistia em: depredar espaços públicos onde se mantinham os culpados, tomar casas de pedágio e incitar greves nacionais. Também houve mostras destas ações por outros estudantes simpatizantes a causa, “tomando simbolicamente as instalações de Televisa [canal de televisão] em Guadalajara e a reitoria da Universidad Autónoma de Cidade Juarez”²⁴. Por outro lado, as ações de reflexão foram bem massivas e ajudaram a difundir informação rápida, a nível internacional.

A primeira marcha mundial, também chamada de “Jornada de Ação Nacional e Internacional por Ayotzinapa”, foi realizada 12 dias após o ocorrido. Nessa primeira marcha, a presença mais notável foi a nível interno mexicano; já que houve manifestações na maioria dos estados do país, sendo as com maior número de pessoas as seguintes: 50.000 em Chilpancingo, 20.000 em Chiapas, 15.000 na Cidade do México, 3.000 em Xalapa e 2.000 em Guanajuato²⁵. Já no dia 22 de outubro (segunda marcha internacional) houve uma série de atividades ao redor do mundo para protestar Ayotzinapa. Nesse dia, foi publicada uma carta aberta internacional onde “intelectuais e acadêmicos de 60 países e 500 universidades, centros de pesquisa, organizações civis e cidadãos de todo mundo”²⁶, condenaram o ato e exigiram respostas concretas do Estado.

²⁴ REYNOSO, ALONSO, p.66.

²⁵ Cf. FONDEA. Ya no podemos permitir ni un muerto más! Marchan en México y el mundo por normalistas desaparecidos. **Animal Político.** e LEDESMA, Evelyn. Clamor por normalistas de Ayotzinapa en el mundo; muestra de solidaridad. **24 horas.**

²⁶ CARTA ABERTA. Ayotzinapa somos todos.

Á nível internacional, quiçá o momento onde houve eventos mais significativos, foi dia 20 de novembro (quarta marcha mundial), também aniversário da Revolução Mexicana. Foram registrados eventos em diversos países como Alemanha, Espanha, Argentina, Austrália, Índia, Brasil, El Salvador, França, Itália.²⁷ A maioria das atividades aconteceu ao redor das embaixadas mexicanas; sendo uma demanda e revolta diretamente com o Estado mexicano, considerado o culpado pelo incidente. Não encontrando as respostas necessárias do governo, a partir de abril de 2015, os pais de Ayotzinapa fizeram caravanas, pelo México, América do Sul, Canadá e Europa.²⁸ Nessas viagens, sempre havia a presença de um ou dois pais dos desaparecidos, um estudante sobrevivente e um representante de direitos humanos. Assim, os diretamente afetados pela tragédia, conseguiram mostrar em diversos lugares do mundo a veracidade do evento e também pedir ajuda e respaldo de instituições estrangeiras.

Por outro lado, essas reivindicações também lutavam contra o senso comum estabelecido pelos grandes aparatos de mídia, que em primeira instância se esforçaram para criminalizar as vítimas. Para isso, os meios utilizavam os estigmas da delinquência juvenil e contribuía espalhando boatos, como dizer que alguns estudantes participavam do grupo de tráfico “*Los Rojos*” – rivais dos “*Guerreros Unidos*”²⁹, e que foram a Iguala causar uma guerra ou estragar o evento da mulher do prefeito. Todas essas primeiras prerrogativas eram dadas sem levar em consideração o depoimento das vítimas. Contam os sobreviventes: “Muitos jornais contam que nós íamos manifestar. Mas o caso não foi esse. Nós só estávamos indo fazer nossa atividade, que era pegar os ônibus e leva-los. Nós não estávamos inteirados da atividade que tinha o governo”³⁰ e “A versão que conto é a nossa (dos estudantes) porque essa versão quase não é contada pelas notícias”³¹. Além da inicial visão turva dos grandes meios de comunicação, pessoas relacionadas com o poder também davam sua voz de desprezo aos estudantes, como: um dirigente juvenil do partido PRI (mesmo do presidente) “que nas redes sociais disse que os manifestantes necessitavam alguém como Díaz Ordaz, o

²⁷ Cf. FONDEA. El mundo se solidariza con Ayotzinapa. **Animal Político**.

²⁸ REDAÇÃO. Comienza caravana sudamericana por “los 43” de Ayotzinapa. **CBA24N**.

²⁹ GIEI. **INFORME Ayotzinapa I**. Tradução nossa, p. 133

³⁰ GIBLER, John, tradução nossa, p. 41

³¹ *Ibid*, p. 84

responsável pelo massacre de 2 de outubro [de 1968]”³², e “uma ex-deputada suplente [também] do PRI escreveu no seu blog: Mate-os para que não se reproduzam”³³ e por fim, depois do aumento do descontentamento da população, o presidente Peña Nieto “chamou a “superar” a etapa de dor”³⁴, banalizando o massacre. A visão estigmatizada da mídia, as declarações dos agentes de poder e a própria maneira como o Estado conduziu as investigações - forjando respostas, para que o incidente fosse “resolvido”; são sintomas que instituem diretamente o caso de Ayotzinapa, dentro do fenômeno do Juvenicídio. Essa força, a mesma que ordenou matar os estudantes, obviamente não morreu depois do massacre. Ela continua existindo na própria confrontação entre os fatos e as percepções. Como será então que estão jogando essas duas forças, a de solidarizar-se com os estudantes de Ayotzinapa e a de culpabiliza-los, no cenário atual? Um incidente que quiçá possa ilustrar esse jogo foi uma conferência de imprensa dada 42 dias após o massacre. No final desse evento, o Procurador Geral da República, Manuel Karam, se negou a responder uma pergunta de um jornalista e disse, colocando sua cabeça ao lado do microfone: -Ya me cansé. (*Já me cansei*)³⁵. O ato foi visto publicamente como um desrespeito ao que se estava tratando ali, e logo foi usado como tópico das redes virtuais #Yamecansé, para denunciar o descaso e a incompetência do Estado, em suas diversas áreas. Sobre a frase, Sánchez afirma que é “um grito espontâneo de uma sociedade civil farta”³⁶. Junto com essa hashtag surgiram também: #Fue el estado (*Foi o Estado*) e #Ni uno más (*Nem um mais*).

Portanto, esse incidente nos ilustra, que de certa maneira, as duas forças continuam subsistindo na busca pelo entendimento do incidente de Ayotzinapa, e refletem não só esse caso, mas aspectos da relação entre estudantes e Estado ao redor da América Latina e muitos lugares do mundo. No caso mexicano, para entender ainda melhor a fragilidade dos estudantes é importante citar o narcotráfico, muito presente na região onde estudam; que foi “anexado ao processo da neoliberalização, como uma tecnologia de poder para ir abrindo ao capitalismo global territórios sociais antes

³² REYNOSO, ALONSO, tradução nossa, p.66.

³³ Ibid

³⁴ Ibid, p. 78

³⁵ REDAÇÃO. #Mundo en la red: el hashtag de la indignación en México #Yamecansé. **BBC Mundo**.

³⁶ Ibid

inacessíveis”³⁷. Portanto como possibilidades grandes de ser a massa excedente no neoliberalismo (pobre, jovem, indígena e camponesa) por suas condições, se esperava dos estudantes de Ayotzinapa, o envolvimento em atividades de delinquência, principalmente com o tráfico (Reynoso, Alonso, 2015). Portanto ao não aceitarem o papel de massa excedente e resistir com um projeto de escola sustentável e alternativa ao sistema, esses jovens, em meio as suas atividades sociais, acabaram sendo tomados como símbolos diretos contra o neoliberalismo. Graças a esse símbolo, foi mostrado que esse crime “constituía um ponto de inflexão histórica que marcava a profunda crise do poder do Estado e de suas instituições”³⁸, “foram criticadas a repressão governamental contra líderes sociais, indígenas e ambientalistas. Foi dito que enquanto o país sangrava, sofria, e se indignava, o presidente, irresponsavelmente, ia para a China em um avião caro”³⁹. O impacto foi tão grande, que a mobilização civil acabou forçando até os grandes meios a dar maior voz aos estudantes. Klahr expõe:

“Considero o caso de Ayotzinapa como um marco na gestão dos meios de comunicação que obrigou, sobretudo a indústria das notícias, a dar visibilidade a um problema social de uma dimensão tal, que tem catalisado a crise do sistema político mexicano que temos sofrido durante toda a existência do Estado mexicano”⁴⁰.

Mesmo com toda essa pressão, o governo priorizou a volta da criminalização dos protestos sociais, fazendo diversas prisões arbitrárias nas manifestações e persistindo com sua “verdade histórica” - obsoleta em provas. Dois anos se passaram desde aquela noite de mortes, desaparecimentos forçados e violência, e ainda não foram encontrados os estudantes, mas os pais de família ainda não desistiram e as manifestações continuam⁴¹, mesmo em menor nível

CONCLUSÃO - “QUISERAM NOS ENTERRAR, MAS NÃO SABIAM QUE ÉRAMOS SEMENTES”⁴² - COMO O CASO AYOTZINAPA SEGUE VIVO E É BANDEIRA PARA OUTROS MOVIMENTOS LATINO-AMERICANOS.

³⁷ REYNOSO, ALONSO, tradução nossa, p.9.

³⁸ Ibid, p.59.

³⁹ Ibid, p. 65

⁴⁰ #OPNIÓN 131. EL MANEJO MEDIÁTICO DE #AYOTZINAPA. Créditos: Canal Más de 131.

⁴¹ Cf. REDAÇÃO. Minuto a minuto: Marcha por 2 años del caso Ayotzinapa. **Excelsior**.

⁴² Frase do poema 43 (desconheço autor), usada como lema das manifestações em prol de Ayotzinapa.

A partir dos fatos de como o desaparecimento e juvenicídio em massa de Ayotzinapa foi feito pelo mesmo Estado que o julga, e a intensa reação da população que toma o lado dos estudantes, foi possível chegar ao objetivo de relacionar as forças estudantis com os processos sistêmicos, pois estão em um combate simbólico e factível, de maneira bem direta, principalmente no caso mexicano.

Muito mais além de representar apenas um caso de violência e morte a estudantes precários, Ayotzinapa representa no geral, o descontentamento com o projeto neoliberal, devido a suas consequências atroz em sociedades desiguais. Sendo a desigualdade, nos dias atuais, “a gota d’água que vai transbordar o copo, rompendo a tensão positiva que mantém a sociedade coesa”⁴³, para regiões como a América Latina, uma das mais desiguais do mundo, existe uma identificação direta com o movimento dos estudantes normais. Assim exprime uma argentina presente na primeira marcha mundial de Ayotzinapa: “Nós na Argentina, vivemos um desaparecimento na carne própria. Então que aconteça isso [Ayotzinapa], de alguma maneira é um ponto de encontro entre os povos latino-americanos que somos”⁴⁴. A relação entre massa excedente de jovens e suas possibilidades precárias, desaparecimentos forçados, narcotráfico, corrupções, e estigmas sobre os jovens, fizeram com que “em universidades latino-americanas seguissem os protestos pelos 43 mexicanos desaparecidos e se fez saber que à América Latina lhes doía Ayotzinapa”⁴⁵, prova Buenos Aires onde as mães da praça de maio marcharam junto aos familiares dos normalistas desaparecidos. Os estudantes latino-americanos se solidarizam, porque sabem que também são suscetíveis ao mesmo tratamento por parte de seus Estados. Não são poucos os que tomam o movimento como uma bandeira dentro das suas próprias demandas estudantis e juvenis, ameaçadas no processo da “modernização liberal do sistema educativo”⁴⁶.

Respondemos a pergunta da introdução de “Porque lutam os jovens”, mas nos faltou “Porque precisam ser contidos?” Não deveriam ser os jovens, o alicerce de uma sociedade? Os que podem construir um futuro diferente? Exatamente, por tal razão que

⁴³ BAUMAN; MAURO, p. 47

⁴⁴ #AYOTZINAPA SOMOS TODOS. Créditos: Cacto Producciones.

⁴⁵ REYNOSO; ALONSO, tradução nossa, p. 69

⁴⁶ Ibid, p. 46

os movimentos estudantis atuais na América Latina “tem dado a prova, (...), de uma autonomia crescente em sua estruturação e sua motivação ideológica, e buscam transformações que recolocariam em questão a validade do sistema”⁴⁷ Por isso são tão visados e acabam sendo possíveis vítimas, como os estudantes de Ayotzinapa. É factível que com o tempo, nessas épocas globalizadas de mil informações, o movimento vai perdendo um pouco a força, como previa o comandante insurgente Moisés aos pais dos estudantes desaparecidos: ““Nós só queremos lhes dizer que não deixem cair sua palavra. Que pode ser que os que agora se amontoam sobre vocês (...), os abandonem, para buscar outra moda, outro movimento, outra mobilização””.⁴⁸ Mesmo correndo esse risco, o movimento traçou um alerta importante no imaginário latino-americano e sistêmico, que catalisa as percepções de desconfiança do Estado. Os jovens estão prestando atenção, ao mesmo tempo em que são os mais prejudicados.

“Quiseram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes” – uma das frases mais famosa do movimento pedindo justiça por Ayotzinapa, exemplifica bem a essência do momento atual. O caso parece haver mostrado que, nesses tempos, é mais importante buscar ajuda na sociedade civil, fora da concepção do Estado paternalista. Portanto, por mais que as demandas ainda não tenham sido cumpridas e o Estado continue a violentar, Ayotzinapa semeou uma percepção, que seguramente ameaçará, cada vez mais perigosamente, a “ordem” repressora do Estado neoliberal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#AYOTZINAPA SOMOS TODOS. Créditos: Cacto Producciones. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gOkuEvvJsgQ> > .

ALTAMAN, Max. Hoje na história: 1968 – Exército mexicano abre fogo contra multidão de estudantes. **ÓperaMundi**. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/24628/hoje+na+historia+1968+-+exercito+mexicano+abre+fogo+contra+multidao+de+estudantes.shtml>.

ARCE, José Manuel Valenzuela (coord). **Juvenicidio: Ayotzinapa y las vidas precarias en América Latina**. México: El colegio de la frontera norte, 2015. ISBN: 978-607-479-178-5.

BAUMAN, Zigmund; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. ISBN 978-85-378-1584-7

⁴⁷ MARINI, RUY MAURO. *Os movimentos estudantis na América Latina*, p.8

⁴⁸ REINOSO, Ibid, 165

CÁCERES, Osmar Guri. Las luchas estudiantiles en América Latina como acción ante la corrupción y las injusticias. **DX Paraguay**. Disponible em: <http://www.dx.com.py/manifestacion-estudiantil-latinoamerica/>.

CARTA ABERTA. Ayotzinapa somos todos. Disponible em: < <https://ayotzinapasomostodos.wordpress.com/2014/10/17/carta-abierta-desde-el-extranjero-ayotzinapasomostodos/>>

CERECEDO, Alicia Civera. Normales Rurales. História mínima del olvido. **Nexo**. Disponible em: <http://www.nexos.com.mx/?p=24304>

FONDEA. El mundo se solidariza con Ayotzinapa. **Animal Político**. Disponible em: <<http://www.animalpolitico.com/2014/11/marchan-en-mexico-y-el-mundo-por-ayotzinapa/>>.

FONDEA. Ya no podemos permitir ni un muerto más! Marchan en México y el mundo por normalistas desaparecidos. **Animal Político**. Disponible em: <http://www.animalpolitico.com/2014/10/marchan-en-la-ciudad-de-mexico-por-los-normalistas-de-ayotzinapa/>

GIBLER, John. **Fue el estado**. Los ataques contra los estudiantes de Ayotzinapa. La Rioja: Pepitas de Calabaza, 2015. ISBN: 978-84-15862-66-6.

GIEI – Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes (GIEI). **INFORME Ayotzinapa I**. Investigación y primeras conclusiones de las desapariciones y homicidios de los normalistas de Ayotzinapa. Mexico, 2015.

GIEI – Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes (GIEI). **INFORME Ayotzinapa II**. Avances y nuevas conclusiones sobre la investigación, búsqueda y atención a las víctimas. Ayotzinapa. Mexico, 2016.

LEDESMA, Evelyn. Clamor por normalistas de Ayotzinapa en el mundo; muestra de solidaridad. **24 horas**. Disponible em: <<http://www.24-horas.mx/clamor-por-normalistas-de-ayotzinapa-en-el-mundo-muestra-de-solidaridad/>>

MARINI, RUY MAURO. **Os movimentos estudantis na América Latina**. Disponible em: < http://www.marini-escritos.unam.mx/pdf/038_movimentos_estudantis.pdf>.

MAYORGA, Claudia. Jóvenes en la calle: las manifestaciones en Chile, México y Brasil. **Desidades UFRJ**. Conversa entre Claudia Mayorga com Rogelio Marcial e Oscar Aguilera. Disponible em: http://desidades.ufrj.br/es/open_space/jovenes-en-la-calle-las-manifestaciones-en-chile-mexico-y-brasil/

#OPNIÓN 131. EL MANEJO MEDIÁTICO DE #AYOTZINAPA. Créditos: Canal Más de 131. Disponible em: < https://www.youtube.com/watch?v=nKW78ei_dCk>.

PITA, Marina. A cobertura midiática das escolas ocupadas: silêncio e criminalização. **Carta Capital**. Disponible em:< <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-cobertura-das-escolas-ocupadas-silencio-e-criminalizacao> >

REA, Daniela. **Nadie les pidió perdón**. Historias de impunidad y resistencia. México: Tendencias, 2015.

REDAÇÃO. Comienza caravana sudamericana por “los 43” de Ayotzinapa. **CBA24N**. Disponible em: <<http://www.cba24n.com.ar/content/comienza-caravana-sudamericana-por-los-43-de-ayotzinapa>>.

REDAÇÃO. #Mundo en la red: el hashtag de la indignación en México #Yamecansé. **BBC Mundo**. Disponible em: www.bbc.com/mundo/noticias/2014/11/141110_trending_yamecanse_mexico_gtg

REDAÇÃO. Minuto a minuto: Marcha por 2 años del caso Ayotzinapa. **Excelsior**. Disponible em: <<http://www.excelsior.com.mx/comunidad/2016/09/26/1119102>>

REYNOSO, Carlos Alonso; ALONSO, Jorge. Ayotzinapa: **Una fuerte indignación que se convirtió en movimiento**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2015.

ROBLEDO, Marina Gómez. O que ocorreu com o #Yosoy132, a mobilização estudantil do México. **El País**. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/02/internacional/1427927341_113541.html >